UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

AVALIAÇÃO EMOCIONAL E COGNITIVA DE CRIANÇAS NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Bolsista: Samuel Reis e Silva, CNPq

MANAUS
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-SA/0099/2011

AVALIAÇÃO EMOCIONAL E COGNITIVA DE CRIANÇAS NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Bolsista: Samuel Reis e Silva, CNPq
Orientador: Prof. Dr. José Humberto da Silva Filho

MANAUS
2012

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 06
OBJETIVOS 13
DESCRIÇÃO METODOLÓGICA 13
RESULTADOS 16
CONCLUSÃO..... 21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 22
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES 24
PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA 25

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica com o objetivo de avaliar cognitivamente esses dois grupos, comparar os resultados e ter uma melhor ideia de algumas das possíveis consequências desses atos. A amostra foi, ao final da coleta de dados, composta por 51 crianças, 21 vítimas de violência doméstica e 30 não vítimas, sendo que estas crianças foram selecionadas conforme o critério de exclusão dentro das próprias escolas e instituições responsáveis pelas mesmas. Os instrumentos utilizados nas avaliações foram o Desenho da Figura Humana, o Desenho da Figura Humana na Chuva, IFVD e o CDI. A pesquisa se justifica pelo fato do estudo da violência domestica e seus efeitos, tanto emocionais quanto cognitivos, se mostrarem como extremamente relevantes enquanto área de estudo e intervenção do profissional psicólogo. Segundo publicação do Centro de Referência às Vítimas de Violência do Instituto Sedes Sapientiae, de cada dez crianças de zero a doze anos, três sofrem algum tipo de maus-tratos dentro de sua própria casa. Por isso, através do conhecimento destes efeitos por meio dos instrumentos de verificação capazes de identificar algumas destas repercussões, pode-se prestar um importante auxilio aos profissionais da área, principalmente no que diz respeito à identificação, ao diagnóstico e à assistência a este segmento tão vulnerável da população.

Palavras-chave: Crianças, Vítimas, Violência Doméstica, Avaliação Cognitiva.

ABSTRACT

This research was conducted with children victims and not victims of domestic violence in order to cognitively evaluate these two groups, to compare the results and have a better idea of some of the possible consequences of these acts. The sample was, at the end of data collection, comprising 51 children, 21 victims of domestic violence and 30 not victims, and these children were selected as the criterion for exclusion within the schools themselves and institutions responsible for them. The instruments used in the evaluations were the Human Figure Drawing, the Human Figure Drawing in the Rain, the IFVD and the CDI. The research is justified because the study of domestic violence and its effects, both emotional and cognitive, prove to be extremely relevant as a field of study and intervention of the professional psychologist. According to the publication of the Reference Center for Victims of Violence Institute of the Seat of Wisdom, of every ten children aged zero to twelve years, three experienced some form of abuse within their own home. Therefore, through the knowledge of these, by means of verification tools able to identify some of these effects, we can make an important aid to health professionals, particularly with regard to identification, diagnosis and care of this so vulnerable segment of the population.

Keywords: Children, Victims, Domestic Violence, Cognitive Assessment.

INTRODUÇÃO

A compreensão e o conhecimento da experiência emocional de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica se torna cada vez mais relevante, em função do número crescente de casos e das sérias consequências que o fenômeno acarreta ao processo de desenvolvimento e à saúde física e mental das vítimas. Além disso, trata-se de problemática com deletérios efeitos sociais tais como inadaptação escolar e repetição de atos violentos em cadeia, dentre outros. As técnicas projetivas, desde que validadas e aprovadas, configuram poderoso recurso no contexto do Psicodiagnóstico, pois permitem a expressão de aspectos inconscientes, favorecendo o tratamento e encaminhamento adequados. O Desenho da Pessoa na Chuva, técnica projetiva pouco conhecida no Brasil, é empregada por profissionais de países latino americanos em diversos contextos, em especial na avaliação das crianças vítimas de violência doméstica. Agosta, Balarini & Colombo (2005), apresentaram índices diagnósticos relacionados à vitimização doméstica no teste e constituem a motivação necessária para a realização de uma pesquisa em nosso meio com o referido instrumento.

Por outro lado, além da avaliação das dimensões emocionais, esta mesma técnica (DFH) é também amplamente utilizada para avaliação do desenvolvimento cognitivo de crianças. No Brasil o sistema Wechsler de avaliação cognitiva, por meio desta técnica, já foi aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia (Wechsler & Shelini, 2002; Wechsler, 2003). Estudos demonstraram correlações estatisticamente significativas entre o desempenho de crianças no DFH e o teste das Matrizes Coloridas Progressivas de Raven (teste de inteligência) e em escalas de desempenho escolar (Bandeira, Costa & Arteche, 2008).

O funcionamento cognitivo como um todo, por sua vez, é gerenciado por processos metacognitivos, ou também conhecidos “funções executivas”, que coordena de forma articulada um conjunto de competências como: planejamento (capacidade de elaboração e de execução de um plano estrategicamente organizado de seqüência de ação, não meramente ordenando comportamentos motores, mas também os pensamentos e a linguagem, a fim de desenvolver argumentos); formação de conceitos (capacidade de reconhecer, nos estímulos, suas características e seus padrões, relações entre eles e antecipar mentalmente uma tendência baseada nestas interpretações); memória de trabalho (habilidade que permite manter ativada uma quantidade limitada de informações necessárias para guiar o comportamento durante o decorrer da ação, sem perder a conexão entre os elementos no processo; flexibilidade de pensamento (capacidade de alternar entre distintos critérios de atuação que podem ser

necessários para responder às demandas mutantes de uma tarefa ou situação problema); automonitoração (processo mental que segue em paralelo na realização de uma atividade. Trata-se de uma auto-supervisão necessária para a execução adequada e eficaz dos procedimentos em curso. Isto permite ao indivíduo tomar consciência de possíveis desvios do seu próprio comportamento em relação à meta desejada, proporcionando autocorreção; Inibição de respostas inadequadas (capacidade de interromper uma determinada conduta na atualidade, mesmo que em ocasiões passadas esta ação tenha sido bem sucedida e esteja automatizada. Inibição de comportamentos impróprios ou contraproducentes para a ocasião. Controle de comportamentos inadequados). Muitos estudos em diversos países têm demonstrado que o Teste Wisconsin de Classificação de Cartas (WCST) tem sido um instrumento de excelência para verificação das funções executivas, demonstrando inclusive seu poder discriminativo entre diferentes grupos clínicos (Silva-Filho, Pasian & Humberto, 2011).

Mediante a grande relevância social do tema principal deste projeto (violência domestica contra crianças e adolescentes), o presente estudo se propõe a avaliar comparativamente dois grupos de 30 crianças de 6 a 12 anos de idade (com indícios e histórico de violência domestica relatado – Grupo Experimental, e sem indícios e/ou histórico relatado de violência, Grupo de controle), totalizando 60 crianças, com objetivo de aferir seu funcionamento psíquico nas dimensões emocionais e cognitivas. As avaliações foram realizadas por meio das seguintes técnicas: Desenho da Figura Humana na Chuva, IFVD e CDI.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A violência doméstica contra crianças e adolescentes vem sendo, principalmente nos últimos trinta anos, motivo de polêmica, discussão e reflexão. Sua abordagem apresenta inúmeras dificuldades em função de ser um fenômeno que se manifesta de maneira sigilosa, configurando um segredo familiar, e estar envolvida por dispositivos de velamentos ideológicos, que a revelam e ocultam ao mesmo tempo.

Considerando que a problemática, em sua manifestação, envolve relações assimétricas de poder, caracterizadas pela dominação, exploração e opressão; por isso mesmo uma forma de violência interpessoal, optamos pelo termo violência doméstica.

Para Adorno (1988)

> a violência é uma forma de relação social; está inexoravelmente atada ao modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência. Sob esta ótica, a violência expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos atualizados de comportamentos vigentes em uma sociedade em um momento determinado de seu processo histórico (p. 07).

Neste sentido, a violência doméstica relaciona-se com a violência estrutural. Sendo um fenômeno configurado na família enquanto espaço privado, numa esfera micro-política, é também um problema de relações sociais de gênero e geração, numa esfera macro-política, torna-se necessário trabalhar alguns pressupostos epistemológicos para uma visão não reducionista deste fenômeno. A violência doméstica contra a criança e o adolescente decorre da interação de vários fatores: sócio-econômicos, culturais e psicológicos das pessoas envolvidas.

Outros aspectos são considerados por Azevedo e Guerra (1998a) para maior compreensão do fenômeno da violência doméstica contra crianças e adolescentes: trata-se de fenômeno endêmico; nenhuma etnia, classe social ou religião está imune; não é característico da pobreza; é estatisticamente significativo e não marginal; pode envolver de forma cíclica várias gerações em sua reprodução; tendo como característica a reiteração.

De maneira geral, a violência doméstica é uma forma de violência subjetiva e interpessoal, na qual o adulto transgride o seu poder disciplinador, negando e negligenciando as necessidades e direitos da criança e tolhendo-a de sua liberdade, colocando-a, assim, numa posição de mero objeto dos desejos do adulto.

Dentro desta perspectiva, adotamos a seguinte definição estipulativa da violência doméstica contra crianças e/ou adolescentes, elaborada pelo LACRI (Laboratório de Estudos da Criança) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo- USP:

> Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que - sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima - implica de um lado numa transgressão do poder/dever de

> proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento. (Azevedo e Guerra, 1998, p. 177).

Dentre as modalidades da Violência Doméstica, a literatura indica a existência de cinco tipos, a saber: Violência Física, Violência Sexual, Violência Psicológica, Negligência e Violência Fatal (Azevedo e Guerra, 1998). Transcrevemos a seguir as definições de cada um desses tipos de violência

Violência física:

> "toda ação que causa dor física numa criança; desde um simples tapa até o espancamento fatal representam um só continuum de violência" (AZEVEDO e GUERRA, 1998, p. 177).

Violência sexual:

> Todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual entre um ou mais adultos que tenham para com ela uma relação de consanguinidade, afinidade e/ou mera responsabilidade, tendo por finalidade estimular sexualmente a criança ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou a de outra pessoa (AZEVEDO e GUERRA, 1998, p. 177).

Violência psicológica:

> "Também designada como tortura psicológica, ocorre quando pais ou responsáveis constantemente depreciam a criança, bloqueiam seus esforços de auto-aceitação, causando-lhe grande sofrimento mental" (AZEVEDO e GUERRA, 1998, p. 177).

Negligência:

> Configura-se quando os pais ou responsáveis falham em termos de prover as necessidades físicas, de saúde, educacionais, higiênicas de seus filhos e/ou de supervisionar suas atividades, de modo a

> prevenir riscos e quando tal falha não é o resultado das condições de vida além do seu controle (AZEVEDO e GUERRA, 1998, p. 177).

Violência fatal:

> Atos e/ou omissões praticados por pais, parentes ou responsáveis em relação a crianças e/ou adolescentes que – sendo capazes de causar-lhes dano físico, sexual e/ou psicológico – podem ser considerados condicionantes (únicos ou não) de sua morte (AZEVEDO e GUERRA, 1998, p. 177).

A violência doméstica contra a criança e o adolescente pode representar um verdadeiro fator de risco ao processo de desenvolvimento. A experiência de vitimização pode trazer sérias consequências para a vítima, implicando na perturbação da noção de identidade e outros distúrbios de personalidade e de adaptação social.

Durante as últimas três décadas, tem-se percebido numerosos questionamentos e estudos científicos a respeito dos efeitos psíquicos, a longo e curto prazo, relacionadas à vivência de vitimização doméstica. Muitos trabalhos relatam uma grande variedade de dificuldades e distúrbios nas áreas afetiva, cognitiva e social, como poderemos verificar na revisão a ser apresentada adiante.

Embora extremamente relevante para o estabelecimento de políticas públicas de atendimento, é difícil definir com rigor a incidência do fenômeno da violência doméstica contra a criança e o adolescente. Conforme aponta Pinto Junior (2005), esta dificuldade decorre de vários fatores. Primeiro por que depende da própria definição de violência doméstica, que muitas vezes, é controversa, parcial e não consistente. Segundo, a presença da **cifra negra**, quando se trabalha apenas com os casos notificados, não considerando a existência de inúmeros outros que não chegam aos órgãos competentes, e que com certeza, pode aumentar os índices encontrados nas estatísticas.

Algumas pesquisas, no entanto, revelam que os números da violência contra crianças e adolescentes no mundo são assustadores. Em 2002, segundo a OMS (2002, apud Gonçalves, 2003), foram notificados 57 mil homicídios de jovens menores de 15 anos, com maior incidência entre crianças de zero a quatro anos de idade.

Segundo Marcelli (1998), baseando-se no relatório geral da saúde na França (novembro/94), 40.000 crianças são anualmente apontadas como vítimas e assumidas pela

justiça ou pela ajuda social à infância. A violência doméstica ocasiona 600 mortes por ano e um número significativo, ainda que dificilmente estabelecido numericamente, de incapacidade física e, mais ainda, de distúrbios significativos do desenvolvimento afetivo. Ainda de acordo com o mesmo autor, os meninos são vítimas mais frequentes que as meninas de violência física. Porém, no que se refere à violência sexual, as vítimas mais frequentes são as meninas (3 a 4 meninas para um menino). Marcelli afirma, ainda, que muitas vezes violência sexual e violência física costumam aparecer juntas.

Dados internacionais (Sanmartín, 2002) apontam que a negligência e a violência física são as modalidades de violência doméstica mais notificadas e que o abuso sexual encontra-se entre os menos registrados**.** As estatísticas nesta área, no Brasil, mostram-se escassas e a maior parte delas refere-se a casos notificados a órgãos governamentais e/ou não governamentais e se origina de pesquisas acadêmicas. Segundo Azevedo e Guerra (2005), apesar da população brasileira de 0 – 19 anos ser, de acordo com o IBGE 1999/2000, de 68.205.937, o que equivale a 40,16% da população total, o Brasil integra o "triste" contingente de países em que não há estatísticas confiáveis sobre o fenômeno da violência doméstica contra crianças e adolescentes.

Porém, alguns estudos brasileiros têm procurado mapear o fenômeno em nossa realidade. Segundo publicação do Centro de Referência às Vítimas de Violência do Instituto Sedes Sapientiae, "*três entre dez crianças de zero a doze anos sofrem algum tipo de maus-tratos dentro da própria casa, perpetrados por pais, padrastos ou outros familiares"*

Azevedo e Guerra (2005) afirmam que apesar do crescimento de notificações no decorrer dos anos, os mesmos não representam um retrato fidedigno da ocorrência do problema, pois a grande maioria dos casos nunca é notificada aos órgãos competentes, permanecendo oculta e mascarada pelo complô do silêncio compartilhado pela família, pelos profissionais, vizinhos e a sociedade como um todo. Assim, a violência doméstica denunciada representa somente a "ponta de um *iceberg*", cuja real dimensão só poderemos reconhecer quando desvelarmos a cifra oculta dos casos não notificados.

Faleiros, Matias e Baron (2009) apontam que notificação é, de fato, muito inferior à realidade, tendo estudado Ribeirão Preto, no Estado de São Paulo. Eles dizem que as estatísticas oficiais sobre esse fenômeno não refletem a realidade, uma vez que muitos casos também nessa cidade não são notificados.

Por isso, podemos afirmar que a violência doméstica contra crianças e adolescentes está longe de ser uma ocorrência marginal e que necessita de ações comprometidas, visando, além da construção de políticas públicas de prevenção do fenômeno, o desenvolvimento de instrumentos eficientes para a identificação e diagnóstico de crianças e adolescentes em situação de violência doméstica.

Por se tratar de um fenômeno que, ao longo de toda a história da humanidade, é cercado de mitos e tabus, a identificação da violência doméstica é quase sempre problemática e difícil. Como apontado anteriormente, sua abordagem apresenta inúmeras dificuldades em função de ser um fenômeno que se manifesta de maneira sigilosa, configurando um segredo familiar, e estar envolvido por aspectos ideológicos arcaicos. Assim, o enfrentamento eficaz do fenômeno exige a compreensão ampla e profunda da temática e da sistematização nos passos para identificar o processo de vitimização infantil.

Realizando um estudo dessa problemática em países latino-americanos, pode-se considerar que esta provém de problemas semelhantes, ou seja, da falta de trabalho, ausência de um sistema educacional eficiente, falta de planejamento familiar, delinqüência, drogadicção, perda de identidade, analfabetismo, pobreza, exploração do trabalho, violação dos direitos e discriminação das minorias. (Tardivo e Pinto Junior, 2010)

O crescimento populacional desorganizado, as falhas nas leis jurídicas como a constante descrença nos meios de correção, punição ou tratamento, o limitado acesso à educação e cultura de uma ampla gama populacional, a intolerância nas relações humanas, podem contribuir para originar a violência sofrida no ambiente familiar.

Embora o fenômeno da violência não se restrinja às camadas menos favorecidas das populações latino americanas, são essas pessoas as que mais correm o risco de estarem submetidas a essas situações de vitimização (crianças, adolescentes e mulheres), bem como de desenvolver condutas mais violentas.

1. OBJETIVOS:

Geral

- Fazer um estudo comparativo acerca do desenvolvimento do funcionamento psíquico em seus aspectos emocionais e cognitivos de dois grupos de crianças: vitimas de violência doméstica (grupo experimental) e crianças sem histórico de violência doméstica (grupo controle).

Específicos

- Demonstrar eventuais especificidades e estudar as correlações existentes entre os desempenhos dos dois grupos de crianças no IFVD, CDI e Desenho da Figura Humana e no Desenho da Figura Humana na Chuva.
- Descrever características psíquicas dos dois grupos estudados em seus aspectos afetivos e cognitivos.

2. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Participantes:

Participaram deste estudo 51 crianças de ambos os sexos, de 7 a 14 anos de idade, divididos em dois grandes grupos: 1) Grupo Experimental: 21 crianças de 7 à 14 anos com confirmação de terem sofrido violência doméstica. Essa confirmação é dada a partir das instituições que atendem às crianças e pelos órgãos competentes. Nos casos de crianças que vivem em abrigos, só farão parte da pesquisa as recém abrigadas, no início do processo de avaliação a que se submetem; 2) Grupo Controle: 30 crianças de 7 a 13 anos sem suspeita de serem vitimas de violência doméstica; da população escolar, tendo sido buscado o pareamento da mesma idade e sexo das primeiras.

2.2 Materiais:

Neste estudo foram adotados os seguintes instrumentos de coleta de dados:

- IFVD – Inventário de Frases no Diagnóstico de Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes (Agosta, Barilari e Colombo, 2001);
- CDI - Inventário de Depressão Infantil (adaptado por Barbosa, Almeida e Gaião, 1995);

- Desenho da Figura Humana (Wechsler, 2003);
- Desenho da Figura Humana e Desenho da Figura Humana na Chuva (Tardivo – em desenvolvimento);

2.3 Procedimentos:

Inicialmente aconteceu um treinamento para aplicadores, visando uniformizar a aplicação dos instrumentos conforme padronização dos respectivos manuais. Participaram deste treinamento dois profissionais graduados em psicologia e dois acadêmicos de Psicologia. O treinamento foi desenvolvido pelos coordenadores do projeto (Profa. Dra. Leila Tardivo (IP-USP), Prof. Dr. José Humberto da Silva-Filho (PPGP-UFAM) e Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva (PPGP-UFAM).

Em seguida, a coleta de dados da pesquisa teve inicio com os dois grupos previstos:

Grupo Experimental: Contatos/entrevistas com os Coordenadores/ Diretores das Instituições e responsáveis pelas crianças, onde estes manifestaram seu consentimento por meio de Termos de Consentimento (em anexo – anexo 1). No caso de as crianças sob a guarda de pais e/ou responsáveis, estes também assinaram o termo de Consentimento – (anexo 2). Os responsáveis foram informados dos objetivos da pesquisa e receberam um Termo de Consentimento Livre e esclarecido, onde manifestaram sua aceitação da participação do filho no estudo.

Entrevistas individuais com as crianças: Nessas entrevistas individuais foram explicados os objetivos da pesquisa, e após um rapport, aplicado na criança o IFVD e o CDI, e em seguida solicitado que a criança desenhasse uma figura humana e depois uma figura da pessoa humana na chuva. Este procedimento se deu em uma ou duas sessões de aplicação, conforme a disponibilidade da criança e sua capacidade de envolvimento na tarefa. Os testes foram aplicados por psicólogos com experiência, assistidos por acadêmicos de psicologia previamente treinados para este fim.

Grupo de Controle: Os instrumento foram os mesmos, porem as crianças foram contatadas em escolas, buscando-se o pareamento dos dois grupos em termos de classe social, sexo, idade e escolaridade.

Contatos/entrevistas com os Coordenadores/Diretores das Escolas onde os mesmos manifestaram seu consentimento por meio de Termos de Consentimento (em anexo – anexo 1). Os pais e/ou responsáveis e também assinaram o termo de Consentimento – (anexo 2). Foram realizadas entrevistas com os professores, coordenadores pedagógicos e diretores das

escolas para o levantamento das crianças que, segundo eles, se enquadravam nos critérios (sem suspeita de vitimização).

Entrevistas individuais com as crianças: Nas mesmas condições do grupo experimental.

Análise dos Resultados: Os resultados do grupo experimental e do grupo de controle foram comparados, a fim de identificar diferenças significantes entre as frequências das características gráficas de um e de outro grupo, das características afetivas e cognitivas. Foram consideradas significantes as diferenças menores ou iguais a 0,05.

Os resultados foram discutidos com vistas a contemplar as possíveis contribuições diagnósticas dos instrumentos adotados no atendimento de crianças vitimizadas.

3. RESULTADOS

A seguir apresentam-se os dados obtidos com a análise do IFVD, CDI, Desenho da figura humana e Desenho da figura humana na chuva, aplicados nas crianças de ambos os grupos, vítimas e não vítimas de abusos domésticos.

3.1 Todos os participantes:

Grupo	N	%
Controle	30	58,8
Experimental	21	41,2
Total	51	100,0

Tabela 1. Total de participantes da pesquisa. O grupo experimental de vítimas de abuso doméstico e o grupo controle sem histórico de violência.
Fonte: Pesquisa de campo.

Das 51 crianças que responderam aos questionários, 21 (41,2%) foram crianças atendidas pelo CREAS e com confirmação de terem sofrido algum tipo de abuso doméstico, enquanto 30 (58,8%) dos questionários foram respondidos por crianças sem qualquer suspeita de abuso.

3.2 Todas as crianças por sexo e idade:

Variáveis	N	Média	Desvio padrão	%
Sexo				
Feminino	31			60,8
Masculino	20			39,2
Idade(Anos)		10,41	1,931	

Tabela 2. Total de participantes separados por sexo e a média geral de idade.
Fonte: Pesquisa de campo.

Do total de 51 crianças de ambos os grupos envolvidas na pesquisa, 31 (60,8%) foram do sexo feminino, e 20 (39,2%) do sexo masculino.

A idade das crianças variou entre 7 e 14 anos com uma média geral de aproximadamente 10 anos. Deste total de 51 crianças, 15 (29,4%) estavam com 9 anos, 12

(23.5%) com 10 anos, 6 (11,8%) com 11 anos, 6 (11,8%) com 14 anos, 4 (7,8%) com 13 anos, 3 (5,9%) com 12 anos, também 3 com 8 anos e 2 crianças (3,9%) com 7 anos de idade no momento da entrevista.

3.3 Todas as crianças por série:

Série	N	%
N/S	3	5,9
1º	1	2,0
2º	3	5,9
3º	4	7,8
4º	19	37,3
5º	11	21,6
6º	3	5,9
7º	2	3,9
8º	2	3,9
9º	3	5,9
Total	51	100,0

Tabela 3. Separação dos participantes por série do fundamental.
Fonte: Pesquisa de campo.

Das 51 crianças entrevistadas, 19 (37,3%) encontrava-se na 4ª série do ensino fundamental, e 11 (21,6%) na 5ª série, estando as outras distribuídas entre as demais séries desde o 1º até o 9º ano do ensino fundamental.

3.4 Descrição separada por grupo, sexo e idade.

Grupo	N	Média	Desvio Padrão	%
Controle				
Feminino	17			56,7
Masculino	13			43,3
Idade(Anos)		9,80	1,243	

Experimental				
Feminino	14			66,7
Masculino	7			33,3
Idade(Anos)		11,29	2,390	

Tabela 4. Descrição de sexo e média de idade separados entre o grupo controle e o experimental.
Fonte: Pesquisa de campo.

Na descrição separada por grupo, podemos observar que há um número maior de mulheres tanto no grupo experimental quanto no grupo controle. No grupo controle participaram da pesquisa 17 (56,7%) crianças do sexo feminino e 13 (43,3%) do sexo masculino, com média de idade de ambos os sexos de aproximadamente 10 anos e desvio padrão perto de 1 ano de idade. No grupo experimental participaram 14 meninas (66,7%) e 7 meninos (33,3%), com uma média de idade um pouco maior que do grupo controle, aproximadamente 11 anos de desvio padrão perto de 2 anos de idade.

3.5 Dados dos instrumentos IFVD (Inventário de Frases no Diagnóstico de Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes) e CDI (Inventário de depressão infantil) separados por grupo.

Grupo – IFVD e CDI	Média	Desvio Padrão	Máxima pontuação possível	Máxima alcançada	Mínima alcançada
Controle					
Cognitivo - IFVD	2,10	1,185	9	5	0
Emocional - IFVD	4,70	2,615	18	11	0
Social - IFVD	2,47	,973	6	4	1
Comportamental - IFVD	4,40	1,673	12	7	1
Físico - IFVD	,30	,535	2	2	0
IFVD (Total)	13,97	4,774	57	22	5
CDI	6,00	3,140	54	15	0

Experimental					
Cognitivo - IFVD	3,38	1,465	9	6	1
Emocional - IFVD	8,05	3,598	18	15	2
Social - IFVD	2,52	1,250	6	6	0
Comportamental - IFVD	4,24	2,278	12	9	1
Físico - IFVD	,43	,507	2	1	0
IFVD (Total)	18,62	7,180	57	33	6
CDI	12,05	7,214	54	28	1

Tabela 5. Descrição da média alcançada em cada um dos fatores do IFVD, juntamente com a média do escore total e da pontuação atingida no CDI por cada um dos grupos.
Fonte: Pesquisa de campo.

Separando os resultados individuais dos fatores do IFVD e o resultados total do IFVD e CDI, é possível observar que com excessão do fator Comprometimento Físico, o grupo experimental obteve uma média superior em todos os outros fatores do IFVD mas sem grande diferença. Com destaque apenas para o fator de Comprometimento Emocional que chegou a uma média de 8,05 enquanto que no grupo controle a média foi de 4,7. A média total do IFVD também foi bastante superio no grupo experimental, atingindo 18,62 enquanto que no grupo controle foi de 13,97. Com relação ao CDI, a média do grupo experimental (12,05) foi mais que o dobro que a média do grupo controle (6,0) demonstranso uma diferença significativa entre as respostas dos dois grupos.

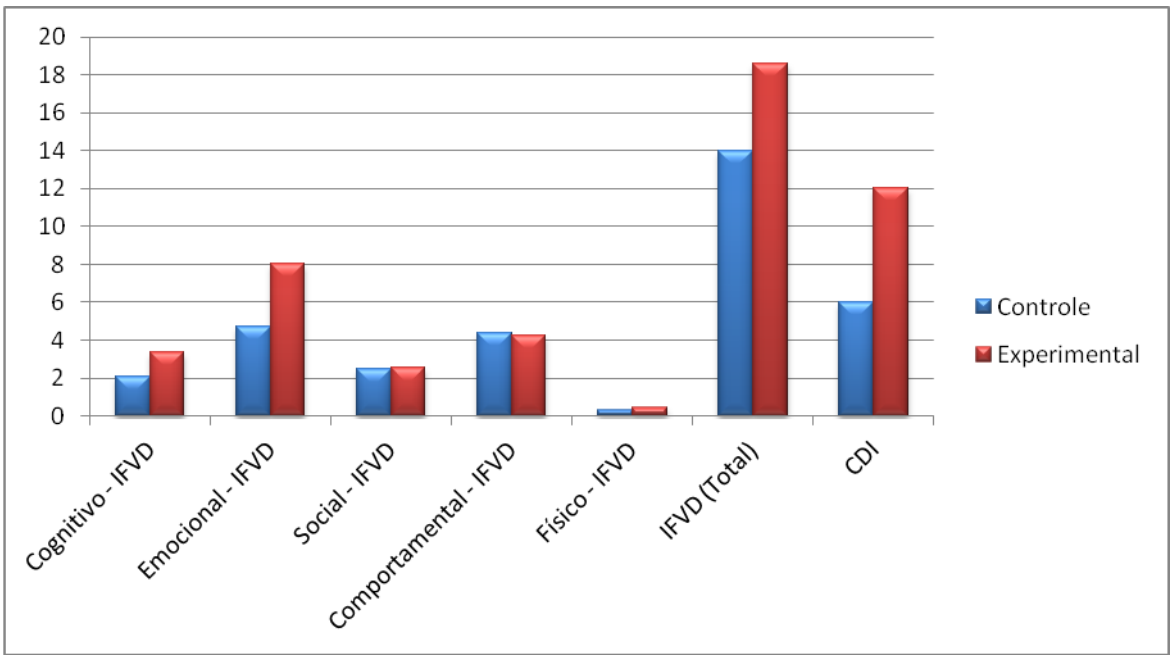

Gráfico 01. Gráfico comparativo da média alcançada em cada um dos fatores do IFVD, juntamente com a média do escore total e da pontuação do CDI em cada um dos grupos.

3.6 Tipo de violência sofrida em relação ao sexo.

Violência Sofrida	Meninos	Meninas	Total	%
Sexual	4	13	17	80,95
Física	3	2	5	23,80
Psicológica	0	1	1	4,76

Tabela 6. Separação dos 3 tipos de violência sofrida que foram identificados no grupo experiemental com relação ao sexo.

Três tipo de de violência foram encontradas nas crianças entrevistadas, são elas a sexual em 17 (80,95) crianças, sendo 13 meninas e 4 meninos; Física em 5 (23,8) crianças, 3 meninos e 2 meninas e psicológica em apenas 1 (4,76) menina.

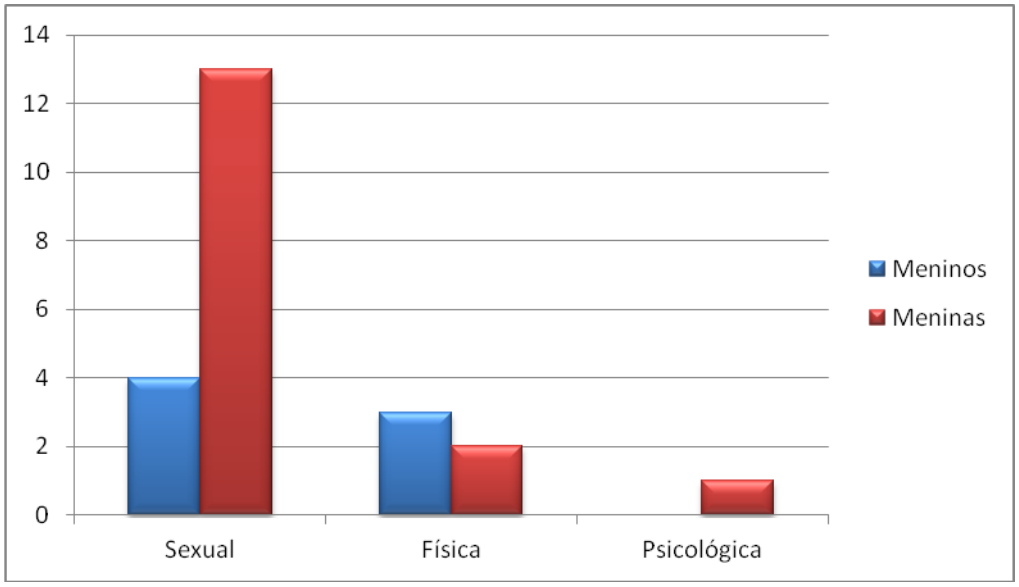

Gráfico 02. Representação gráfica dos tipos de violência encontrados nas crianças entrevistadas, separados por sexo.

CONCLUSÃO

Antes da análise dos resultados obtidos com os intrumentos, já foi possível identificar um dos grandes problemas ao se trabalhar com o tema de violência doméstica na infância e adolescência. O número de crianças vítimas entrevistadas a abaixo do que fora inicialmente esperado, reflete algumas das difilculdades encontradas nesse meio, como por exemplo o grande número de vítimas que não retorna depois da primeira consulta, os que preferem não falar do ocorrido, a grande demanda de tempo que é exigida nesse tipo de acompanhamento, sem mencionar os inúmeros casos de violência que nunca chegam a ser relatados, fazendo assim aumentar a grande cifra negra, que mascara o gravidade real do problema de violência doméstica contra crianças e adolescentes.

Apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas nos resultados dos testes do desenho da figura humana e do desenho da figura humana na chuva entre os grupos controle e experimental, os resultados dos outros testes como o IFVD - Inventário de Frases no Diagnóstico de Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes e o CDI - Inventário de Depressão Infantil, foram evidentes. O fator emocional do IFVD foi o que recebeu a média de pontuação mais alta dentro do grupo de crianças vítimas de abusos, refletindo o grande dano causado pelo abuso sofrido por essas crianças.

Embora a cifra negra que representa os casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes que nuncam chegam a ser relatados, torne inpossível ter uma idéia real da quantidade de vítimas e os tipos de violência que elas sofrem, a pesquisa demonstrou um número superio de mulheres vítimas, tendo a violência sexual como a de maior incidente. Tais fatos podem ser atribuídos a desconsideração de outros tipos de violência como por exemplo, a psicológica e a física, como também prejudiciais ao desenvolvimento da criança ou mesmo, tendo em vista que, gritos e tapas ainda são frequentemente usados como “métodos de educação” por parte dos responsáveis, sem qualquer hesitação dos mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S. Violência e educação**.** São Paulo, 1988 (Mimeografado).

AGOSTA, C.B.; BALARINI, Z.; COLOMBO, R.I. - Abuso y Maltrato infantil Inventario de Frases revisado (IFR), Buenos Aires, Cauquen Exdtora, 2005.

AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N.A. Infância e violência doméstica – módulo 1A/B. São Paulo: LACRI, IPUSP, 1998.

AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N.A; PINTO JUNIOR, A.A. Descobrindo o desenho infantil. São Paulo: IEditora, 2003.

AZEVEDO, M.A.; GUERRA, VNA. Dossiê Brasil 2004-2205 - violência doméstica contra crianças e adolescentes (vdca): um cenário em (des)construção. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005.

BANDEIRA, D. R., COSTA, A. & ARTECHE, A. Estudo de validade do DFH como medida de desenvolvimento cognitivo infantil. Psicologia: Reflexão e Critica, Vol.21(2), 332-337, 2008.

FALEIROS, J.M.; MATIAS, A.D.A., BAZON, M.R. Violência contra crianças na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil: abuso infantil prevalência estimada a partir de dados do sistema escolar. Cadernos de Saúde Publica, vol. 25 (2), 337 - 348, 2009.

GONÇALVES, H.S - Infância e violência no Brasil. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ., . 2003.

HEATON, R. K., CHELUNE, G. J., TALLEY, J. L., KAY, G. G. & CURTISS, G. Manual do Teste Wisconsin de Classificação de Cartas. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2005.

MARCELLI, D. Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PASQUALI, L. Técnicas de exame psicológico – TEP. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PINTO JUNIOR, A. A. Violência sexual doméstica contra meninos: um estudo fenomenológico. São Paulo: Vetor, 2005.

SANMARTÍN, J. Violência contra niños. Barcelona: Ariel, 2002.

SILVA-FILHO, J. H., PASIAN, S. R. & HUMBERTO, J. S. M. Teste Wisconsin de Classificação de Cartas: Uma revisão sistemática de 1952 a 2009. Psico-USF (Prelo), 2011.

TARDIVO, L.S.L.P.C.; PINTO JUNIOR, A.A Manual do Inventário de Frases na Avaliação da Violência Doméstica, São Paulo, Vetor, 2010

WECHSLER, S.M. DFH III – O Desenho da Figura Humana: avaliação do desenvolvimento cognitivo de crianças brasileiras. (3a ed.). Campinas: LAMP/PUC-Campinas, 2003.

WECHSLER, S. M. & SCHELINI, P. Validade do desenho da figura humana para avaliação cognitiva infantil. Avaliação Psicológica, 1(1), 29-38, 2003.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADE

Atividades	Ago 2011	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2012	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul 2012
Levantamento de bibliografia												
Revisão da Literatura												
Contatos com escolas e entidades												
Aplicação dos testes com crianças												
Apuração dos resultados nos testes												
Geração de um banco de dados												
Preparação para apresentação parcial												
Análises estatísticas paramétricas e não paramétricas												
Análise e discussão dos resultados												
Elaboração do Resumo e Relatório Final												
Preparação do Relatório final												
Apresentação do Relatório final												
Preparação da Apresentação Final para o Congresso - CONIC												

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

Andamento do projeto - CAAE - 0418.0.115.000-11

Título do Projeto de Pesquisa
AVALIAÇÃO EMOCIONAL E COGNITIVA DE CRIANÇAS NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Situação	Data Inicial no CEP	Data Final no CEP	Data Inicial na CONEP	Data Final na CONEP
Aprovado no CEP	04/10/2011 11:44:31	09/12/2011 11:16:06		

Descrição	Data	Documento	Nº do Doc	Origem
1 - Envio da Folha de Rosto pela Internet	28/09/2011 19:47:16	Folha de Rosto	FR466895	Pesquisador
2 - Recebimento de Protocolo pelo CEP (Check-List)	04/10/2011 11:44:31	Folha de Rosto	0418.0.115.000-11	CEP
4 - Protocolo Aprovado no CEP	09/12/2011 11:16:06	Folha de Rosto	394/11	CEP
3 - Protocolo Pendente no CEP	20/11/2011 19:42:43	Folha de Rosto	394/11	CEP

Voltar